

Diário de Notícias

Dez dias em que Portugal proibiu a entrada de refugiados judeus

25 DE SETEMBRO DE 2016 ÀS 01:14

Manuel Carlos Freire

PUB

Em 1940, comboio com centenas de judeus do Luxemburgo regressou a Espanha após incidente diplomático Gestapo

Quase três centenas de refugiados judeus saídos do Luxemburgo em nove retidos na fronteira de Vilar Formoso e foram depois proibidos de entrar e documentação sobre o caso nos arquivos nacionais, disse ontem a história

"Na imprensa portuguesa não há nada. Os elementos do governo luxembur foram ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, dirigiram-se a Salazar, à PV Defesa do Estado, antecessora da PIDE]. Tem de haver cartas, documentação perdida, destruída ou está fora do lugar", lamentou Irene Pimentel, coauto Comboio do Luxemburgo" com a também historiadora Margarida Ramalho fronteira de Vilar Formoso em novembro de 1940.

Pelo contrário, no Luxemburgo "encontrámos bastantes coisas. Já há uma l que trata o assunto" e as próprias autoridades locais deram apoio ao traba qual envolveu também a ida aos EUA, com a ajuda da Fundação Luso-Amei (FLAD), assinalou Irene Pimentel.

O caso evoca de imediato o drama das dezenas de milhares de refugiados c no Médio Oriente e África em direção à Europa, onde vários países - sob fo opiniões públicas e eleitorados - têm vindo a recusar a sua admissão e até a sua passagem em direção a outros destinos.

"A História não se repete da mesma forma mas há aspetos" em que isso acc em que as barreiras de arame farpado para impedir a passagem de refugia

Europa fechou a porta" aos judeus fugidos da II Guerra Mundial, argumenta na mesma forma mas há aspetos que se repetem porque o ser humano não m

Outro dos "aspetos idênticos" entre a situação atual e o ocorrido na guerra foi Irene Pimentel, prende-se com o receio sobre a presença de terroristas do Estado. "Nos Estados Unidos não deixaram entrar judeus refugiados por temer que havia antissemitismo, xenofobia, racismo..." - o que não sucedia em Portugal. A entrada de muitos refugiados que fugiam da máquina de guerra nazi.

Recorde-se que a fronteira de Vilar Formoso foi ponto de passagem para muitos judeus. Em curso um projeto de construção do Museu "Vilar Formoso Fronteira da Paz", junto à estação ferroviária daquela localidade. A comissão científica desse futuro museu, que a autarquia prevê estar co

Agentes da Gestapo

A ausência de registos escritos em Portugal sobre aquele comboio retido e os judeus que viajaram em oito autocarros entre o Luxemburgo e Espanha, exerce uma "mancha" do país como espaço de acolhimento de refugiados

"A seguir ao final da II Guerra Mundial, o interesse que havia da parte de Salazar à derrota do nazi-fascismo, dizendo que Portugal tinha salvado refugiados, contou Irene Pimentel. Porém, acrescentou a historiadora, "como qualquer ditadura portuguesa tinha até ao início da guerra uma política restritiva de entrada de estrangeiros, disse sempre que Portugal era um país de trânsito, em que tinha de se ter de permanecer apenas o tempo necessário para arranjar navio".

O certo é que "o comboio trágico" de Vilar Formoso, como o classificou Irene Pimentel, centena desses refugiados "foram deportados e morreram no Holocausto", face ao "conjunto de circunstâncias" que se verificaram naquele momento

É verdade que já tinham entrado em Portugal dois comboios com refugiados vindos do Luxemburgo, nos meses de agosto e outubro de 1940 - apesar das dificuldades para passar a fronteira. E mesmo no de novembro houve negociações para acolher os judeus por água abaixo devido à presença da Gestapo.

"Desta vez os alemães decidiram acompanhar o grupo [de judeus] até terra firme. Mas as coisas se complicaram. Além de ser um grupo extenso, de quase 300 judeus

[a viverem no Luxemburgo após fugirem de países como Alemanha ou Polónia (duvidosos), vinha acompanhado por elementos fardados e armados pertencentes a uma unidade que era totalmente contra os princípios da neutralidade", lê-se no livro.

"As autoridades da fronteira portuguesa reagiriam e não deixariam sair ninguém se não houvesse uma solução para os passageiros. Enquanto a polícia portuguesa procurava alguns soldados alemães que tinham entrado em território português outros soldados alemães foram detidos. Pouco depois, mais soldados alemães cruzaram a fronteira e acabaram também detidos", escrevem as autoras.

"A situação só se resolveria depois da intervenção do embaixador alemão e o serviço diplomático terá, porventura, impedido uma solução mais tolerante para o transporte", argumentam Irene Pimentel e Margarida Ramalho, que analisaram e entrevistaram "sobreviventes e seus familiares".

A obra cita também a carta de agradecimento que um dos sobreviventes, F. (70 anos), enviou em 2013 aos responsáveis pelo futuro museu de Vilar Formoso: "Eu e os meus pais não podíamos sair nunca do comboio [...]. Muitos anos mais tarde, a minha mãe agradeceu aos habitantes dessa terra que prestaram ajuda aos refugiados que estavam na estação: água e comida."

Para mais detalhes consulte:

<http://www.dn.pt/portugal/interior/dez-dias-em-que-portugal-proibiu-a-entrada-de-refugiados-judeus-5407525.html>

Global Notícias - Media Group S.A.

Copyright © - Todos os direitos reservados